

JORNALISMO CIENTÍFICO

por Ricardo Alexino Ferreira

1) Qual a diferença entre divulgação científica e jornalismo científico?

A divulgação científica e o jornalismo científico têm como pontos de interseção a propagação da produção científica. No entanto, os dois conceitos têm diferenças entre si.

A divulgação científica pode ser imaginada como um grande guarda-chuva que abriga formas amplas da informação científica, como o jornalismo científico, os livros didáticos, as produções audiovisuais, dentre outros, voltados para interpretar e vocalizar a ciência para o público em geral. Até mesmo a ficção científica pode ser categorizada na divulgação científica, quando conceitos ali transmitidos passam por conhecimentos científicos acessíveis ao público.

O jornalismo científico, que está dentro da divulgação científica, tem como princípios básicos os procedimentos jornalísticos e a produção jornalística. Assim, o jornalismo científico, irá fazer uso da entrevista, infografia, reportagem e diferentes gêneros jornalísticos. Nesse caso, a questão sempre levantada é: o que difere o jornalismo científico dos demais tipos de jornalismo?

Fora do grande guarda-chuva “divulgação científica”, existe uma outra categoria que seria a disseminação científica, que é a informação científica voltada para especialistas de áreas também específicas. Nesse caso, a informação é carregada de códigos daquela área abordada. Assim, uma revista científica sobre genética e voltada para geneticistas, não precisa ter uma informação decodificada porque aqueles indivíduos consomem o mesmo código de informação.

Por exemplo, o mesmo acontece com uma publicação científica voltada para as Ciências da Comunicação, com recorte para o Jornalismo e destinada aos jornalistas. Nessa publicação, que está dentro do conceito de disseminação científica, não será necessário explicar termos como linha-fina, suíte, infografia, box, retranca e tantos outros termos que pertencem ao fazer jornalístico e ao universo da área.

Os processos jornalísticos em relação à informação na cobertura de ciências é o mesmo para qualquer tipo de jornalismo, sejam eles de divulgação científica ou disseminação científica. Algumas pessoas acreditam que é necessário ser mais cuidadoso em matérias científicas, principalmente aquelas que abordam Saúde, para citar um exemplo. Mas isso é uma falácia. O cuidado jornalístico deve estar em qualquer tratamento da informação e seus fenômenos.

2) Como produzir uma boa pauta de jornalismo científico?

A pauta jornalística pode ser comparada ao projeto de pesquisa científica. Ela deve ser o planejamento da informação. O primeiro procedimento para uma pauta é o jornalista buscar conhecer a temática que se pretende trabalhar, ou seja, levantar dados.

Não tem como pensar em uma pauta sem estudar a temática que será abordada. Alguns profissionais apontam que é muito difícil fazer isso por causa do curto tempo para executar a matéria. Mas, um médico, por exemplo, também luta contra o tempo quando se depara com uma emergência, como um infarto, e faz uso de todo o cabedal teórico de sua área para resolver aquele problema. Por que deveria ser diferente com o jornalista?

Existe outro elemento que é muito importante para o jornalista e a elaboração da pauta, que é a constante construção e renovação de repertórios. Alimentar-se de produções artísticas, leituras e outros elementos que tiram da zona de conforto, permite ao jornalista fazer pautas, textos e publicações mais elaboradas. Jornalista que não lê, não vai ao teatro, ao cinema, que não assiste a documentários e não contempla reflexivamente a arte de uma maneira geral e não lê o mundo no seu contexto e fora dele, não pode ser um bom jornalista. Faltará a ele repertório para elaborar pautas, textos e publicações, sejam elas quais forem.

Isso porquê, uma pauta bem elaborada contextualiza os fenômenos e desenvolve conexões. Por exemplo, uma cobertura de um buraco na rua. As angulações na abordagem desse fenômeno são inúmeras. Se a pauta é factual, a cobertura do buraco em si e os transtornos provocados são suficientes.

No entanto, o buraco pode ser muito mais do que um simples buraco. Ele pode gerar pautas voltadas para as ciências jurídicas (o que acontece se um carro é danificado no buraco ou uma pessoa se machuca? O que diz a lei?); ciências tecnológicas (quais as alternativas tecnológicas de pavimentações de ruas?); ciências políticas (como são os processos de licitações públicas e a qualidade desses serviços?); ciências ambientais (os materiais utilizados para pavimentações são nocivos ou não ao meio ambiente?) e muitas outras angulações.

Ou seja, a pauta vai levantando tantas questões, que exigem respostas. Muitas delas virão de pesquisadores, cientistas, técnicos, mas também devem contemplar a população como um todo. É necessário entender que a pauta é uma preparação para narrativas.

E a pauta precisa também ter angulações prévias, dadas nas reuniões editoriais. Ou seja, a pauta muito mais do que técnica é reflexão.

3) O que é notícia do ponto de vista científico?

Notícia é informação, que vai muito além de apenas relatar fatos. Notícia, é antes de tudo, narrativa. Narrar algo para públicos que, na maioria das vezes, é segmentado. Um mesmo assunto pode ter diferentes narrativas considerando para quem se está falando.

Escrever para o público infantil exigirá um tipo de abordagem; assim como para o público adulto, com formação diversa. Por isso, o papel da divulgação científica ser o da democratização do conhecimento através da informação.

A narrativa vai exigir do jornalista a habilidade para contar a história vista para quem não a viu ou não estava lá. O texto é fundamental para essa narrativa. A cada dia, as notícias estão ficando mais sintéticas, principalmente com o advento da internet.

Muitas vezes, a notícia é construída de forma quase matemática e se contenta em responder automaticamente as questões: *O que? Quem? Como? Por que? Onde? Quando?*. Para vários profissionais, responder isso como um questionário é suficiente.

No entanto, um bom jornalista vai narrar o que presenciou e utilizará vários recursos linguísticos para explicar ao seu público dados que vão além do fenômeno em si. Por isso, irá contextualizar, fazer conexões, utilizar metáforas, criar pontes. O jornalista deve ter a natureza narrativa em sua essência.

4) Como lidar com a instantaneidade das redes sociais e a desinformação que causa em alguns assuntos?

Em relação às redes sociais, não tem como o jornalista controlar o que os outros estão publicando no espaço cibernético. Mas ele tem como qualificar a sua própria produção jornalística.

A internet é um espaço que possibilita criar hipertextos, áudios, audiovisual, amplificar imagens. O jornalista deve explorar todos esses recursos e não somente no campo da divulgação e disseminação científicas. Ele deve utilizar isso para a cobertura de todas as informações.

Na cobertura de matérias científicas, ele pode editar infográficos eficientes e criativos; pode até mesmo colocar sonoras ou audiovisuais de entrevistas feitas. Ou seja, ele pode utilizar a internet a favor de uma informação mais completa, interpretativa e mais complexa.

Muitos jornalistas acreditam que isso irá acontecer por geração espontânea, alguém vai

fazer. Ele se esquece que ele é que deve especializar o ambiente cibernético. Somente assim, as informações vão ficando mais qualificadas, permitindo que o público possa ter informações polissêmicas, com várias vozes diferentes e angulações múltiplas.

5) Falar de ciência e atingir públicos diversos é possível?

As informações devem verificar para quem se está falando e qual o público-alvo. Hoje tudo está segmentado. Até mesmo uma telenovela é segmentada em núcleos diferentes e tem até diretores para cada um desses núcleos.

O jornalismo também deve ser pensado dessa forma. Mesmo quando se está falando, aparentemente, para um público “homogêneo” é preciso entender que as suas demandas também são diferentes em gênero, etnia, formação e outras.

Assim, é preciso fazer uso científico da divulgação científica para entender a qual público se fala e quais recursos são mais apropriados para essas informações.

Na impossibilidade de conhecer o público-alvo deve-se fazer a calibragem da informação, que atinja na compreensão pessoas com formações diferentes e de classes sociais diferentes. É um desafio, mas não é impossível.

Por isso, saber utilizar os recursos jornalísticos é de suma importância. E isso significa saber usar a imagem (ela não é ilustração; é linguagem); o texto narrativo composto por um narrador interessado e envolvido. É necessário enfatizar que o jornalista é um narrador, contador de histórias, que devem ter diferentes vozes e se aproximar muito das diferentes realidades colocadas.

Algumas matérias de ciências, por exemplo, são tão enfadonhas que muitas vezes se duvida que o jornalista entendeu ou se empolgou com aquilo que estava observando. Há matérias jornalísticas de divulgação científica que falam os resultados da pesquisa sem abordar a metodologia. É como se a construção da ciência fosse dada como fruto do acaso.

É preciso também diferenciar o que é pesquisa e o que é venda de produtos. O papel primeiro do jornalista é ser um agente social e não vendedor de mercadorias. O jornalista também não é tradutor da ciência, um marqueteiro do cientista; ele deve ser intérprete, aquele que ressignifica o conhecimento científico a ser abordado.

Percebo que muitas matérias de divulgação científica têm apenas uma fonte e nenhum contraditório. Isso é um elemento complicador para a matéria, principalmente porque não há um contraponto para a análise.

O público, mesmo que rejeite matérias mais longas ou com diversos dados, deve ter à sua disposição matérias transversais, com diferentes enfoques, fontes e recursos gráficos e de conteúdo. Dar ao público o que é mais fácil é corromper o que o jornalismo deve ser em qualquer um dos seus gêneros: provocador de sentidos diversos.

(Texto: Ricardo Alexino Ferreira)